

PORTE PAGO
DR/SC
ISR-58 - 603/87

BLUMENAU

EM

CADERNOS

TOMO XXX

MAIO DE 1989

Nº. 5

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir as edições mensais desta revista, durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.

Companhia Hering

Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Sul Fabril S/A.

Casa Willy Sievert S/A. Comercial

Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Tipografia e Livraria Blumenauense S/A.

Schrader S/A Comércio e Representações

Companhia Comercial Schrader

Buschle & Lepper S/A.

João Felix Hauer (Curitiba)

Madeira Odebrecht Ltda.

Lindner Herwig Shimizu — Arquitetos

Móveis Rossmark

Artur Fouquet

Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.

Paul Fritz Kuehnrich

Casas Buerger

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXX

Maio de 1989

Nº. 5

SUMÁRIO

Página

A indústria de laticínios de Santa Catarina	128
Autores Catarinenses	131
A Pacificação dos Índios Botocudos	133
Vasculhando velhos arquivos	143
A Colônia Brusque, anteriormente Itajai	144
Subsídios Históricos	146
As previsões futuras para a indústria de máquinas no fabrico de laticínios no sul do Brasil	148
No Planalto Lageano	153
Aconteceu... — Março, Abril	155

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs) NCz\$ 5,00 + 1,00 (porte) = NCz\$ 6,00

Número avulso NCz\$ 0,50 — Atrasado NCz\$ 1,00

Assinatura para o exterior NCz\$ 10,00 + 5,00 (porte) = NCz\$ 15,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

A indústria de laticínios de Santa Catarina

JORGE HARDT

Em conversa com meu pai Frederico Hardt, nascido em 05.05.1885 e falecido em 14.09.1971, pude captar muito sobre a indústria de laticínios catarinense o que passo a narrar. Disse meu pai que ele abriu a primeira fábrica de queijo de Santa Catarina, localizada em Fundos Heckmann, Caminho das Areias Indaial a onde eu nasci em 08.08.1912. A propriedade ainda hoje existe. Atualmente é propriedade de Ataliba Petters, proprietário de rede de churrascarias Ataliba. No momento ele tem ali uma boa criação de suínos.

Meu pai foi para a Alemanha a pedido custeado por meu avô Heinrich Hardt, para aprender a fabricação de queijos na fábrica de um parente Henrich Schlup (que posteriormente também emigrou para o Brasil). Creio que ele residiu na casa do parente pois ele falou em Cooperativa. Mas quanto a este assunto esqueci de pedir explicações. Isto aconteceu no verão de 1907 e no término do verão de 1908 meu pai regressou ao Brasil porque não suportava bem o inverno de 1907/1908. Ele trouxe consigo muitos apetrechos para a pequena fábrica, ou seja formas para prensar o queijo, instrumentos (pipetas) etc. para provas de leite que acusava o grau de gordura e também se tinha ou não sido adicionado água, lira para cortar o leite já coalhado etc. pequena desnatadeira. A fábrica foi instalada em 1909 com

a industrialização de 80 a 100 litros de leite. Para obter este leite ele ia de carroça de um cavalo todos os dias da fábrica até a Vila de Indaial e dava a volta na propriedade de Bruno Herdrich na desembocadura do Ribeirão das Pedras. Este percurso de ida e volta equivalia a 10 km. A propriedade rural do avô também contribuía no fornecimento do leite com a quantia de 30 litros diários. Quase na mesma época, ou seja em 1910, iniciou suas atividades a segunda fábrica de queijos em Hamonia, Nova Berlin, hoje, Bela Vista no Município de Ibirama.

Era também pequena e nos moldes da fábrica de papai. O proprietário era Rudolf Pickart. Mas tanto o papai como o Sr. Pickart fecharam em pouco tempo as fábricas por falta de mercado (2 anos de atividades). A fábrica do Sr. Pickart foi mais tarde reaberta (talvez em 1920) pela Cooperativa Hansa. Esta firma hoje não mais existe, mas nas décadas de 1930 e 1940 foi uma fábrica de maior porte e além de queijos e manteiga também fabricava fécula e tinha uma forte casa de secos e molhados (Alimentos, tecidos, ferragens etc.) Em princípios de 1913 (talvez abril-maio) o papai foi com toda a família (eu tinha 1/2 ano) para Minas Gerais em Pontalete que hoje está invadida em 50% pelas águas da represa de Furnas perto de Três Pontas. Ali ele trabalha pela primeira vez

para a Companhia Brasileira de laticínios (posteriormente Fábrica Alberto Boeke S/A). De Pontalete ele regressou a Indaial em 1915. Aqui nasceu o seu segundo filho homem, Hans (João) em 23.07.1915. A tentativa de recuperar a fábrica fracassou. Creio que mesmo assim, ainda fabricou alguns queijos neste intervalo. Fomos novamente para Minas Gerais em 1917. Desta vez à Mantiqueira (uma pequena estação da E.F.G.B.). Nos pés da serra da Mantiqueira e a Estação além de Palmyra, hoje Santos Dumont um grande centro laticínio. Ali o pai aprendeu porque esta fábrica era grande e moderna. Além da fabricação de queijo que estava ao seu cargo, a fábrica mandava diariamente de 10 a 12 mil litros de leite (Congelado em Blocos de m/m 40k e adicionado um pouco de leite líquido para encher os latões de 50 litros) para o Rio de Janeiro, pela Estrada de Ferro Central do Brasil. A fábrica ficava a 3 km da estação mas tinha ligação por meio de um veículo a tração de animais e sobre trilhos.

Aqui em Mantiqueira, que hoje continua a mesma (estação e algumas casas), nasceu em 19-03-1919 a segunda filha Rita, que denominamos a Mineira, e é casada com Wigand Persuhn. E no mesmo ano de 1919 ainda o pai foi trabalhar num lugarejo em Minas Gerais, em Traituba. Fomos de Barbacena (E. F. Oeste de Minas) passando por Lavras até a estação de Paiol (hoje Traituba) e daí 6 horas a cavalo até a fazenda Traituba. Ali havia 3 fazendas da Família Junqueira (pai e dois filhos) que

reuniam até 1500 lts de leite por dia. Em 1973 visitei o local e encontrei o Sr. Osvaldo de Azevedo Junqueira, que recebe a correspondência via Cruzília ou Minduri. A fábrica foi posteriormente transferida para Cruzília e é hoje uma grande e moderna fábrica, mas não sei se os Junqueira ainda são sócios ou donos.

E em dezembro de 1920 o pai regressou com o remanescente da família, para Indaial (a minha irmã e eu já havíamos ido até a casa do avô Jorge Wamser), a Itajai em dezembro de 1919, e cursamos durante o ano de 1920, ali, o Grupo Escolar Vitor Meirelles.

E, em 01-02-1921 o pai fundou a firma Frederico Hardt sendo como sócio o Sr. Walter Hardt, seu primo, o qual havia reaberto a fábrica em 1918, com pertences e na propriedade do pai, no centro de Indaial, aonde foi, em 1934 ampliada. Fechou em 30-06-1979. O Sr. Walter Hardt se desligou em 1923 para abrir um comércio em Matador, Rio do Sul (hoje bairro Bela Aliança) e também uma fábrica de laticínios. Sr. Walter já é falecido.

Conquanto às outras fábricas, outrora grandes, mas quase todas hoje inexistentes (Jensen, Weege, W. Weege Jaraguá, Blohm — Ibirama, Lorenz — Timbó, etc.) foram todas elas iniciadas entre 1915 e 1920. A Companhia Jensen começou, sendo seu queijeiro o Sr. Alwin Hardt, irmão de meu pai e que aprendeu com ela a fabricar o o queijo. Mais tarde, talvez 1920/21 contrataram um técnico alemão. Também W. Weege de Jaraguá começou a fabricar queijo

com um técnico que aprendeu a fazer queijo com meu pai. A firma Hermann Weege, ainda hoje existente, tinha desde a sua instalação um técnico alemão. E os outros, Lorenz, Blohm, Schroeder, hoje não mais existentes, tinham técnicos formados por meu pai. Creio que de 1923 a 1930 mais de dez pessoas aprenderam a fazer queijo com meu pai. Ficavam três meses, tinham pensão grátis, mas pagavam 500 mil-réis para aprender a fazer o queijo, era um bom dinheiro naquele tempo.

Em 1923 foi fundada a Companhia de Laticínios Indaial, com o objetivo de fabricar leite em pó. Os sócios comandatários eram Carlos Schroeder, Bruno Heidrich, Ludvig Paul, Frederico Hardt e talvez mais alguns que não sei. Os sócios técnicos eram August Bonse e Henrich Thiemann, alemães recentemente emigrados. A fábrica começou a industrializar 3000 lts de leite por dia (no verão), leite este que foi transferido da fábrica de laticínios de Frederico Hardt mediante uma comissão permanente de 1/2% do valor, a ser paga mensalmente. Além disso o Sr. Frederico Hardt foi nomeado gerente comercial, percebendo salário mensal. A fábrica produziu um bom leite em pó, especialmente leite desnatado. Este leite em pó era vendido principalmente para a Fábrica de Chocolates Gardano (?), São Paulo. Também fabricavam em boa produção, a manteiga, e, um pouco de queijo.

Em face do alto custo do fabrico e a quantidade pequena de matéria-prima (leite) e, o surgimento em São Paulo de concor-

rência, a qual certamente produzia o leite em pó já por métodos modernos, e com custo mais econômico, não mais foi possível continuar com vantagem econômica. E, assim, a fábrica fechou em janeiro de 1929.

Metade do leite (da margem direita do rio Itajaí-Açu), voltou para a fábrica de Frederico Hardt e a outra metade foi surrupiada pela firma Carlos Schroeder, a qual nessa época era muito forte e havia resolvido também a abrir uma fábrica de laticínios. Ambas as fábricas, tanto Schroeder como Hardt, não existem mais, sendo que Schroeder fechou bem antes.

Nas décadas de 1930 a 1970 existiam aqui no Vale do Itajaí, muitas pequenas fábricas de queijo e manteiga, e posso citar algumas: Reinhard Manzke — Timbó, Artur F. Hoeschl — Warnow, R. Günther — Gaspar, Curt Hosang — Warnow, August Kretschmar — Encano, Hans Doell - Passo Manso, F. Schmidt — Ibirama. Das pequenas fábricas algumas sobreviveram e ainda existem hoje: Willy Fritzsche, Pouso Redondo, Bauer — Agrolândia, Haut Lt. — Pomerode, Pasold — Pomerode, Rodünz — Pomerode e talvez mais algumas. Fábricas de grande porte são hoje —: A Cooperativa do Vale em Itajaí, Gumz Irmãos de Rio Cerro, Jaraguá, Lactoplasa de Lages, Laticínios Treze Tilias, Laticínios Chapecó.

Em Blumenau existia até o ano de 1911, uma Cooperativa de Laticínios (Nilch — Genossenschaft). A fábrica situava-se nas imediações do terreno em que hoje está a nova Prefeitura de Blumenau, e perto da Estação

da Estrada de Ferro, que hoje não existe mais. A fábrica foi invadida pelas águas da enchente de 1911, danificando as máquinas, e não foi restaurada. Ali só se trabalhava em manteiga, tanto no fabrico como na compra e beneficiamento da manteiga de colonos. Este tipo de comércio foi daí por diante continuado pelas firmas Gustavo Salinger e Cia. e Paul & Cia. Lt., ambas de Itoupava Seca. A manteiga comprada do colono passava por um processo de lavagem, nova salga, padronizamento da cor.

O comércio de manteiga colonial foi automaticamente proibido por volta de 1935, simplesmente porque a manteiga tinha acidez demais (chegava a 10 gr.); quando pela nova lei não podia passar de 2,5 graus, o que uma fábrica com matéria-prima a nata doce bem podia fazer. Essa manteiga, denominada manteiga forte, era enlatada em latas de 2, 5, 10 quilos, e vendida principalmente para o norte do País. Recife era o mercado mais comprador.

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

Entre os lançamentos deste período, destaco "Direções", de autoria do apreciado poeta blumenauense Martinho Bruning, ocorrido juntamente com a abertura de mais uma exposição de pinturas de sua esposa, Julieta Bruning, detentora de vastíssimo currículo, no saguão da FURB, em Blumenau. Nas dependências da UFSC, em Florianópolis, foram lançados os livros "Fundamentos da aptidão física relacionada à saúde", de autoria do Prof. Markus Vinicius Nahas, e "Expansão nuclear alemã", do Prof. Cesar Giuseppe Galvan, ambos publicados pela Editora da UFSC, em co-edições.

—X—

Na sede da Associação Profissional de Escritores de Santa Catarina — AESC, localizada no sobrado da Casa da Alfândega, em Florianópolis, foi levado a efeito o lançamento da "Coleção Corruira", idealizada e organizada pela entidade com o objetivo de atingir em especial o público estudantil com livros pequenos, baratos e de bom nível literário e técnico. Foram apresentadas na ocasião as plaquetas "Sofá na rua", crônicas de Flávio José Cardozo, "Rebentos", poemas de Nedi T. Locatelli, e "Algemas", crônicas de Enéas Athanázio. Para dar continuidade à coleção, já está selecionado material para futuros lançamentos.

Nessa mesma ocasião foi conferido ao Jornal "A Notícia", de Joinville, o prêmio "Divulgação da Literatura Catarinense" por ter

— 131 —

sido o que mais espaço dedicou às nossas letras em 1988, notadamente com o caderno especial ANEXO, que tinha como um dos editores o jornalista e poeta blumenauense José Roberto Rodrigues, agora retornando a Blumenau. Foi ainda inaugurada na ocasião a "AESC — LIVRCS", misto de livraria e "sebo" para vender livros de autores conterrâneos e também usados. Ela, inclusive, aceita doações dos associados e atende pedidos por reembolso.

E por falar em AESC, está nascendo mais um núcleo da entidade, reunindo escritores e poetas associados da região de Itajaí e cidades vizinhas. Entre os participantes estão Edson D'Ávila, Ari Santos de Campos, Hermes Justino Patrianova, José de Freitas Filho, Arno Melo Schlichting, Edmundo Rogério da Silva, Cláudio Bersi de Souza e o autor destas linhas. Sucessivas reuniões estão definindo o nome, sede e localização do novo grupo.

—X—

A Academia Catarinense de Letras — ACL realizou uma sessão da saudade sob o título de "Recordando Vieira da Rosa" para reverenciar a memória desse acadêmico, falecido em 23 de outubro de 1988, e que ocupava a Cadeira nº. 6. A sessão aconteceu na sede da ACL, nas dependências do CIC, em Florianópolis, e nela se manifestaram diversos acadêmicos, todos ressaltando aspectos da personalidade do falecido e rememorando fatos de sua vida. A partir de então abriu-se a vaga.

—X—

Duas novas antologias estão circulando. Refiro-me a "Poetas e Contistas", publicado pela Fundação "Casa Dr. Blumenau", reunindo escritores da cidade e da região, em prosa e verso. Em cerca de 160 páginas aparecem trabalhos de autoria dos mais expressivos cultores das letras em nossa região, muitos deles com obra bastante vasta e já bem conhecidos, inclusive além-fronteiras do Estado. O outro lançamento é o número inicial da "Revista do Escritor", órgão da Editora do Escritor, de São Paulo, em que estão presentes dois catarinenses: Glacir de Medeiros Prade, natural de Timbó, e este filho da centenária cidade de São João Batista de Campos Novos. E uma vez que falo em Campos Novos, não posso deixar sem registro o lançamento de meu livro "Tempo Frio", naquela cidade, o mais exitoso de todos que realizei. Não apenas pela quantidade incrível de livros vendidos e pelas personalidades presentes, mas também pelo painel biográfico organizado pela "Casa da Cultura" onde apareceram documentos e fotos que até eu mesmo desconhecia. Só posso agradecer à Professora Eloiza Baggio, sua diretora, e a todos que compareceram, as-

— Aquele que possuir uma torre mais alta que a dos outros, deve rebaixá-la ao nível geral — Andersen.

sim como ao colega e amigo Roberto Diniz Saut pelas boas palavras que escreveu sobre o evento nas páginas do "Diário Catarinense".

—X—

Também no capítulo dos agradecimentos, e como forma de agradecer, quero registrar aqui algumas manifestações a respeito de meu livro "O Amigo Escrito". Do Prof. Fábio Lucas, de São Paulo, permito-me transcrever estas passagens: "Acabo de ler, fascinado, o seu ensaio "O Amigo Escrito". A segurança de conceitos, a sobriedade da linguagem e a natureza da pesquisa fazem do seu estudo um documento singular sobre o escritor mineiro. Um marco incontornável para quem pretender analisar o nosso romancista. Dou-lhe parabéns pelo belo trabalho e faço votos sinceros de êxito para a obra. "Do crítico e escritor Jácomo Mandatto, in "Suplemento Literário do Minas Gerais", de 29 de abril de 1989: "... o romancista mineiro tem no catarinense Enéas Athanázio indubitavelmente o seu mais ardoroso admirador. A vida e a obra de "Os Humildes" têm sido permanentemente lembradas por Athanázio em artigos e livros que alcançaram os pontos mais distantes do país.

Registro ainda as manifestações aparecidas em "A Notícia", "Diário Catarinense", "Jornal de Letras" (Rio), "Vanguarda Cultural" (Pernambuco), "Suplemento Literário do Minas Gerais" e "Correio do Sul" (ambos de Minas), "Juca" (São Paulo), "Tribuna do Ceará" (Fortaleza), "Correio do Estado" (Campo Grande), "Notícias Acadêmicas" (Teresina) e inúmeros outros, inclusive as dezenas de cartas que venho recebendo.

A Pacificação dos Índios Botocudos

A perseverante obra de Eduardo de Lima e Silva Hoerhan

O jornal "A Verdade", que circulou durante muitos anos em Florianópolis, publicou, em cinco capítulos, interessantes relatos referentes ao desempenho de Eduardo de Lima e Silva, na pacificação dos índios. Hoje fazemos a publicação desta reportagem, que tem o seguinte teor:

"Em princípios de setembro de 1914, estando acampado no Alto Rio Benedito, Eduardo de Lima e Silva Hoerhan resolveu fazer uma grande expedição, atravessando toda a zona compreendi-

da entre os rios Benedito e rio Hercílio, com o fito de aí encontrar os índios botocudos e com eles entabular relações pacíficas.

Nesta vasta região de sertão inteiramente desconhecida, na qual não haviam ainda penetrado os civilizados, tinha quase a certeza de encontrar esta tribo de indígenas, visto como já havia verificado há mais tempo, que para aí convergiam todas as picadas e demais vestígios dos mesmos.

Assim, no dia 7 de setem-

bro, no raiar do faustoso dia da Independência, ordenou a partida da turma expedicionária, que subiu o rio Benedito, em Canôas, até à sua bifurcação. Fazendo voltar alguns homens com as canôas, apenas com quatro homens e um índio manso paranaense, encetou Eduardo a travessia por terra. O primeiro dia fora ótimo e a pequena turma pôde adiantar-se consideravelmente em sua marcha.

Na madrugada do segundo dia, porém, já uma forte chuva surpreendeu os expedicionários que foram obrigados a dormir ao relento. Não obstante a chuva que caía continuamente, continuou-se a marcha como no dia anterior. No quinto dia, caminhando sempre desde o clarear do dia até à noite, encontrou-se uma picada dos índios, ficando logo resolvido segui-la.

Marchou a turma por esta picada até à tarde do mesmo dia e, chegando a um largo ribeirão, verificou que os botocudos não tinham continuado a abrir picada, e sim, haviam seguido pelo leito do mesmo ribeirão. Assim também fizeram os expedicionários e depois de algumas horas, encontraram novamente duas picadas que, em direções diferentes, convergiam para o mesmo ribeirão. Uma destas picadas seguia exatamente o rumo que seguia a expedição, isto é, a direção para o rio Plate, enquanto que a outra tinha o rumo de N. O. Entrando pela primeira, cons-

tatou-se que esta era mais estreita e menos trilhada do que a segunda, e por esta razão, julgando que a mais trilhada é que iria ter a um acampamento de índios, a turma resolveu voltar.

Deixou assim a picada que pela direção lhe convinha, para seguir na de N. O. que se tornara mais larga e muito limpa. Assim, os expedicionários chegaram já à noite, em um lugar aberto, no qual os índios haviam evidentemente parado por mais tempo, e onde por sua vez também a turma fez seu pouso.

Três dias ainda caminhou-se sempre pela mesma picada, encontrando-se a miudo diversos pousos dos índios e muitos outros vestígios que provavam claramente a estada deles naquelas paragens, como aliás havia sido previsto por Eduardo.

Era admirável a exatidão com que a picada dos botocudos seguia sempre o mesmo rumo, apesar de fazer muitas vezes grandes desvios e voltas para evitar penhascos encarpados, extensos banhados ou mesmo grandes trechos de caragoatá, retomando sempre exatamente a direção inicial.

Marchando sempre debaixo de chuva que caía ininterruptamente, chegou a turma finalmente a uma enorme serra que foi transposta, e onde então toda a vegetação indicava a proximidade de campos.

Na manhã seguinte, como todo o pessoal da turma se achas-

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

se completamente exausto e inteiramente desprovido de viveres que o temporal havia deteriorado, resolveu-se atalhar o caminho para o campo em procura de moradores. Careciam todos de um teto sob o qual pudessem aquecer-se e enxugar suas roupas encharcadas pela chuva que sem cessar caía há sete longos dias.

Tomando novo rumo e cortando o mato em outra direção, conseguiu-se, à noite, sair em uma invernada de criação.

Os expedicionários encontraram o pessoal desta invernada muito alarmado e transido de grande pavor, narrando, logo um assalto levado a efeito pelos índios botocudos. Havia pouco tempo antes num ataque tinham morto um homem, vários animais cargueiros, muito gado, grande número de suínos e além de tudo saqueado por completo um paiol de milho, do qual haviam carregado avaliadamente noventa alqueires. (*)

Constatou Eduardo, nesta ocasião, tratar-se de índios, pois pode examinar não só algumas flechas e outros pequenos objetos, assim como grande número de couros de gado flechado.

Ficou assim esclarecido qual o motivo de ser tão larga e limpa a segunda picada, pois foi por esta que os índios tinham feito todo o transporte da carne, milho e outros objetos, transporte este que devia ser o mais rápido possível, afim de por-se a salvo de uma provável perseguição.

Como os expedicionários tinham percorrido esta grande picada em toda sua extensão, ficou provado que os índios já não mais se achavam naquelas proximidades e sim tinham seguido para outra região, pela primeira picada encontrada.

Não sendo possível na ocasião fazer os necessários preparativos afim de percorrer novamente o trajeto feito pela expedição, seguiu a turma para Mosma, chegando depois ao Posto Duque de Caxias.

Como estivesse assim terminada a expedição e tendo necessidade de tomar diversas providências na Povoação de Hammônia, para lá seguiu Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, no dia seguinte.

Em Hammônia, no dia 21 de setembro, recebeu a noticia de que no dia anterior os botocudos haviam assaltado o Posto de Índios Duque de Caxias, no rio Plate.

Felizmente todos os homens que compunham a turma do Posto, inclusive os índios intérpretes do Paraná, tinham conseguido fugir com vida.

Imediatamente partiu para o rio Scharlach, onde tomou todas as providências para seguir, ainda na mesma noite, para o local do assalto. Partiu, de fato, às duas horas da madrugada, em canoa que lentamente, remada por remada, transpunha as itoupavas e os saltos, e na mais densa escuridão avançava rio

(*) Acham-se hoje todos os autores deste assalto no Posto Duque de Caxias. Sabe-se também que foi o índio botocudo **Mongkonama** que flechou mortalmente o homem, existindo no nosso acampamento o facão que ele trazia consigo na cintura no momento em que fora morto.

Hercílio acima. Com o amanhecer pôde-se apressar mais a viagem, e, mais ou menos às 9 horas do dia 22, aportou na barra do rio Plate. Saltaram então em terra Eduardo e o índio intérprete paranaense Préie, ficando como guardas da canoa os dois remadores.

Eduardo e Préie seguiram pelo barranco até saírem nas roças de onde se dirigiram para o lugar onde fora construído o Posto.

Nada mais ali existia dos ranchos, que estavam reduzidos a grandes montões de cinza, dos quais ainda alguns deitavam fumaça. Espalhados pelo terreiro, encontrava-se destroços de toda espécie, denotando que tudo fora quebrado e destruído antes do incêndio. Examinado tudo minuciosamente, encontrou Eduardo mais adiante, nas cinzas de uma daquelas fogueiras, grandes rastros de homens, indubitavelmente recentíssimos.

Despertando-lhe atenção este importante achado, quis mostrá-lo ao índio paranaense que ficara atrás, mas no momento em que se voltava para chamá-lo, subitamente ouviu um formidável brado. Virando-se instantaneamente, para verificar de onde este partia, viu saltar de trás de um tronco de árvore, um homem inteiramente nu, armado de arco e flechas.

De cima de um pequeno morro em frente, na beira do mato, este índio de grande estatura, com voz atoadora e gestos ameaçadores, dirigia-lhe um palavreado incompreensível.

Logo em seguida, mais dois homens também nus e armados de arco e flechas, saltaram de

trás de outros troncos, ficando à direita e à esquerda do primeiro, continuando então os três a formidável vozeria.

Radiante de intenso júbilo por ver finalmente diante de si os índios botocudos que já há muito tempo desejava encontrar, Eduardo foi imediatamente ao seu encontro, atirando para longe de si a carabina que trazia na mão, para que não houvesse nenhuma suspeita quanto às suas intenções pacíficas.

Tendo avançado uns cinquenta passos, foi, porém, intimado pelos índios que parasse, e estes, exaltados, colocaram as flechas nos seus arcos, estirando-os com pontaria feita. Obedeceu portanto, e prestando toda a atenção para o que os índios diziam, mesmo assim nada pode compreender em virtude da volubilidade com que falavam todos a um só tempo. Falou-lhes então por sua vez, em uma língua dos índios paranaenses que conhecia, não sendo, porém, compreendido.

Em seguida, encetou um dos botocudos um canto guerreiro, acompanhando-o com fortes golpes de machado, que desferia em tudo o que havia em sua proximidade.

No mesmo instante, o índio de estatura alta que ficava no centro, bradava em voz forte e alta para o mato, de onde logo responderam, em diversas direções, outros índios também com altos brados. Aproximavam-se estes bradando cada vez mais, até que chegaram à orla da mata, onde, redobrando ainda de veemência, em coro, irromperam em uma espécie de canto guerreiro, verdadeiramente ensurdecedor; fora, continuavam os três índios

ora falando, ora ameaçando com gestos agressivos, desferindo fortes pancadas nos troncos próximos.

Eduardo chamou então o índio Préia que ficara atrás a certa distância, perguntando-lhe se entendia alguma coisa, ao que este respondeu que não. Disse-lhe então que também falasse aos índios, o que Préia fez, não conseguindo, porém, nem mesmo despertar interesse por parte dos botocudos.

Eduardo agora, resolutamente avançou para a frente mas, vendo que os índios não hesitariam um só instante em flechá-lo, sacou o paletó e a camisa e mostrando-se com o tronco nú, estendeu os braços, falando-lhes em outra língua indígena que havia aprendido (*).

Os índios, com seus arcos sempre retesados, prontos a desferir suas flechas a qualquer momento, observavam a atitude de Eduardo, que seguidas vezes repetiu a mesma frase na outra língua. Por fim calaram-se os botocudos, e escutando atentamente, confabulavam depois entre si em voz baixa.

O índio de grande estatura perguntou então claramente: "Hóliké (?)", o que significa "como é?" ou "repita".

Eduardo entendeu esta palavra e repetiu novamente a frase, falando o mais nitidamente possível. Os índios que agora prestavam toda a atenção, conversaram novamente entre si em voz baixa, rindo-se por fim um deles.

Sempre falando, Eduardo quis aproximar-se mais, sendo, porém, outra vez ameaçado. Repetiam eles constantemente uma frase que terminava sempre em "tipúuu", batendo ao mesmo tempo na coxa esquerda.

Pela palavra onomatopaica e pelo gesto que faziam, compreendeu Eduardo que se referiam ao seu facão que trazia na cintura e do qual nem mais se tinha lembrado. Este era guarnecido de metal branco que brilhava ao sol, e assim os botocudos julgavam tratar-se de uma arma de fogo: — "ti" artigo -o- e "púuu" — tiro, ou estampido.

Tirou então o facão da bainha e, segurando-o pela ponta da lâmina, disse-lhe "Kôniaháma, ti-púuu tóm" — "é um facão, não uma arma de fogo".

E com isto quis entregar-lhes o mesmo, como prova de amizade, dizendo: "Amonêm, amonêm tchóro" — eu quero vos dar —, procurando outra vez se aproximar dos botocudos.

Os dois índios que estavam ao lado, sempre prontos para atirar, não consentiram que mais avançasse, enquanto que o do centro lhe ordenou que colocasse tanto o facão como o paletó sobre um tronco caído, que havia em meio caminho.

Esta ordem foi imediatamente executada, fixando Eduardo o facão no mesmo tronco e colocando também ali toda sua roupa, bem estendida, para que não houvesse motivo de desconfiança.

Logo depois de colocada a última peça de roupa, ordenou o

(*) Eram palavras do vocabulário coligido pelo Dr. Gensch, de Blumenau, e que Eduardo tinha estudado inteiramente de cor, formando com esses vocábulos pequenas frases em língua dos índios botocudos.

índio de grande estatura: "Tênglo, tênglo". Eduardo compreendeu esta palavra e voltou prontamente para o seu primeiro lugar.

Ali chegando, desceram os índios até o lugar onde estavam as roupas, examinaram logo detidamente o facão e retiraram tudo, sempre confabulando entre si.

Voltaram depois para a beira do mato, enquanto Eduardo foi até à canoa, trazendo as roupas e cobertores pertencentes aos canoeiros, dizendo que lhes queria dar mais estes objetos.

Em meio caminho, porém, ouviu a voz de Préie, que de uma distância de mais ou menos sessenta metros, lhe gritava: "Olha a flecha", fugindo este quase deitado, deslisando pelo chão. No mesmo momento ouvia Eduardo zunir uma fecha petro de si, que se cravou na terra, logo atrás do seu corpo. Ainda mais dois zunidos e mais duas flechas se cravaram no solo, em uma distância de dois passos na sua frente.

Rápido, saltou sobre um alto cepo de onde se destacava nitidamente, e onde todos os índios poderiam ver claramente, que estava todo nu e sem nenhuma arma.

Nesta atitude acenava-lhes, repetindo novamente as palavras que lhes dissera a começo.

Os três índios que estavam na beira do mato, bradaram então para o grupo que atirava as flechas, grupo este que tinha vin-

do pela floresta, e se tinha sorrateiramente aproximado por dentro de um capoeirão. Atendeu este grupo e saindo do capoeirão, foi postar-se ao lado dos três primeiros botocudos, que os haviam chamado.

Eduardo falou então mais uma vez, e mostrando a roupa trazida, tentou novamente entregá-la em mão. Repetiu-se a cena já descrita, e os índios ameaçando-o com suas armas, ordenaram que depusesse os objetos, em meio caminho, sobre a mesma árvore caída.

Feito isto, ao "Tênglo, Tênglo" dos botocudos, retrocedeu.

E, assim, os índios bravios não consentiam que Eduardo se aproximasse de mais perto, recebendo, porém, sempre do mesmo modo, tudo o que ainda lhes trazia.

Sem que mais nada fosse possível conseguir, anoiteceu o dia 22 de setembro, o primeiro da pacificação.

Durante toda a noite foi o pouso de Eduardo rodeado pelos botocudos, cujos pequenos fogos podiam ser perfeitamente percebidos à beira da floresta. Trocavam eles sinais entre si, imitando pássaros, o que denotava que as suas sentinelas estavam a postos e alertas.

Ao romper da aurora bradaram fortemente, não aparecendo, porém, quando estes brados foram respondidos por Eduardo.

Assim decorreram as primeiras horas da manhã, até que che-

TEKA é uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauerse. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.

garam ao rio Plate, em uma canoa, moradores do rio Scharlach, que por curiosidade tinham seguido até ali, com o intuito de ver em que estado se achava o Posto, depois de assaltado e incendiado pelos índios.

Qual não foi o espanto destes homens, quando saltaram em terra com dois cães de caça e viram aparecer na orla da mata, índios botocudos, em grande número, armados de arco, flechas e lanças.

Pelos brados dos índios, compreendeu Eduardo que exigiam os cães e tranquilizando os recém-chegados, fê-los entregar os mesmos, afim de levá-los aos índios.

Havia assim ensejo para se aproximar dos botocudos, o que então fez, puxando os cães com um cipó.

Ao chegar perto dos índios saiu um deles ao seu encontro, armado de uma formidável lança, sendo guardado por todos os outros guerreiros, que com suas flechas faziam pontaria, e assim recebeu este botocudo os cães das mãos de Eduardo, que ainda desta vez estava todo nu e completamente desarmado.

Levando os cães com manifesta satisfação, os índios internaram-se novamente na mata, não mais aparecendo durante o resto do dia.

Aproveitaram os botocudos estes dois dias para chamar todos os demais guerreiros, que já se haviam retirado do rio Plate,

logo após o assalto ao Posto, conduzindo o resultado da pilhagem. Estes chegaram certamente ao terceiro dia, 24 de setembro, pois que já pela manhã bradaram os botocudos, indo Eduardo, sempre desarmado, imediatamente ao seu encontro.

À grande distância do pouso viu então aproximar-se um grupo de índios que instantaneamente o cercou, apalpando-o e examinando-o de todos os modos possíveis, fazedo-lhe mil perguntas em uma algazarra formidável.

Durante este minuciosíssimo exame, foi aumentando cada vez mais o número dos índios botocudos que em grande massa afluíram do mato.

Satisfeitos finalmente com este exame, queriam os índios visitar o pouso de Eduardo que, para lá, se dirigiu acompanhado de todos. Pouco adiante destacou-se um grupo de índios que, indo apressadamente na frente, invadiu o pouso de todos os lados, saqueando-o por completo. O primeiro cuidado dos botocudos foi o de se apossar de todas as armas, que alguns deles levaram incontinentemente para o mato.

Para abreviar, a primeira visita dos índios ao pouso foi um verdadeiro assalto como habitualmente o praticavam, sendo a única diferença não ter havido mortes, pois, de resto, levaram tudo o que lhes servia, inutilizando e destruindo o que para eles não tinha utilidade. (*)

(*) — O índio de grande estatura que permanecia sempre ladeado por dois outros guerreiros, não era senão KUSUGO KANIAHÉ-GAKLANG-KAMBETIUJE, cacique da tribo botocuda. Um dos guerreiros ao seu lado era o índio VOMBREMA KREN-DOUMA, e o segundo UVANHE-KU-NANVRAMA.

Difícilima e de ingente responsabilidade foi a tarefa de Eduardo nesta ocasião, pois um só gesto imprudente teria desencadeado uma horrível cena de sangue, da qual fatalmente ninguém teria escapado com vida. Não se cançava nas mais insistentes recomendações que ninguém opusesse a mínima relutância, deixando os botocudos proceder como bem entendessem. Felizmente os poucos companheiros, apesar de tomados de grande pavor, obedeceram às suas ordens, o que visivelmente agradou aos botocudos, que ainda permaneceram no pouso por algum tempo, examinando todos os arredores do mesmo, e retirando-se em seguida para o mato.

Durante os dias seguintes repetiam-se estes assaltos "pacíficos" ao pouso, sempre que chegavam canoas trazendo ferramentas, cobertores, roupas e outros brindes. Os índios infrenes avançavam logo em todos os objetos trazidos, levando-os para o mato, sem mais delongas.

Ficaram deste modo exatamente invertidos os papéis de selvagens e de civilizados: os índios alimentavam-se fartamente e possuíam roupa em grande abundância, enquanto que Eduardo e seus companheiros passavam fome, andavam todos inteiramente nus, dormiam sobre areia, cobrindo-se à guisa de cobertor, com um pedaço de lona de barraca que, por ser impresentável, havia sido rejeitado pelos botocudos.

Assim foram eles se familiarizando cada vez mais com a nossa presença, e como a todos seus atos não se opunha nenhuma resistência, e bem convenci-

dos que estavam da sua absoluta superioridade, tanto em número como em armas, impunham-se como senhores. Resultou desta convicção para a pequena turma de civilizados um verdadeiro regime de escravidão. Principalmente a Eduardo que conheciam como cabeça daquele punhado de brancos, infligiam toda sorte de maus tratos, obrigando-os aos mais penosos trabalhos, não só durante o dia inteiro, como muitas vezes até durante a noite. Nem sequer se tratava de trabalhos proveitosos, mas de meros caprichos, só para que ficasse bem patente o seu poderio como senhores. Assim, por exemplo, obrigavam Eduardo a cortar colossais árvores de rija madeira, unicamente para verificar até que ponto chegava a sua resistência e perícia no manejo do machado.

Cumprido narrar agora um incidente que quase causou a morte de Eduardo, depois de obtidos tão belos resultados.

Os índios haviam se retirado para o mato por espaço de uma semana, afim de fazerem uma caçada. Chegaram na sua ausência, como de costume, as canoas trazendo brindes que foram convenientemente guardados até a sua volta.

Regressando os botocudos, passaram imediatamente vistoria em tudo, revolvendo até a terra, para se certificarem de que não existiam, talvez escondidas, armas de fogo, ou mesmo outras quaisquer. Nesta ocasião, encontraram, enterrado debaixo do lugar onde dormiam, os índios intérpretes do Paraná, um grande caixão com brindes, além de cinco sacos contendo roupas que

tinham sido escondidos, à beira do rio, dentro do mato.

Infelizmente, nesta ocasião, Eduardo estava na mata, em companhia de um outro grande grupo de índios, e assim os botocudos que tinham encontrado os brindes subtraídos, perguntaram aos índios paranaenses o que isto significava.

Aproveitou-se então o intérprete Préie da ausência de Eduardo e, em vez de confessar a sua tentativa de subtração por mera ganância, afirmou ser este quem escondera os objetos encontrados, aconselhando que dele desconfiassem, pois que era seu plano esperar que se remissem todos os guerreiros da tribo, para em uma noite propícia assassiná-los a facão.

Foi tanto mais perversa a infame insinuação de Préie, porque além de se esquivar da sua culpa, que covardemente queria ocultar, ao mesmo tempo procurava persuadir os botocudos ser ele o seu verdadeiro e leal amigo.

Evidentemente esta asserção calou profundamente no espírito dos índios, sempre desconfiadíssimos e trazendo indeléveis na memória as horrêndas cenas de sangue perpetradas pelos civilizados nas afamadas batidas, de que tinham sido vítimas.

Houve imediatamente aviso destas ocorrências a todos os guerreiros, que exaltadíssimos correram em grande número, para o lugar onde se achava Eduardo.

Ai cercaram-no, todos armados de facão e lanças, acusando-o de traidor e querendo matá-lo, assestando as lanças sobre o seu peito e os facões no seu pescoço.

Não aceitavam satisfações, nem acreditavam nos protestos de Eduardo, que simplesmente se limitava a lhes dizer: "Sou vosso amigo verdadeiro. É tudo mentira". A nada, porém, atendiam, assestando cada vez mais fortemente as lanças no seu peito nu, exasperando-se todos cada vez mais. Chegou a sua cólera ao auge, e ameaçando-o com o gume das armas, vibravam-lhe ao mesmo tempo fortes pancadas com os cabos das mesmas.

Assim rodeado por essa horda que vociferava e que o machucava seriamente, Eduardo vendo diante de si a morte inevitável, mais uma vez com voz segura e clara, disse: "Matem-me, mas é um verdadeiro amigo que matam"!

Ante a intrépida envergadura, não desfalecendo, Eduardo um único instante, e diante da impávida firmeza com que falava, os botocudos ficaram indecisos, não sabendo a quem dar ouvidos.

Mais calmos agora, aproveitou Eduardo este momento para dirigir a palavra ao cacique, que a pequena distância se conservava calado e imóvel, lembrando-lhe que se lhe tinha aproximado inteiramente desarmado e que já com isto provara sobejamente os seus intentos pacíficos.

Este então aconselhou calma aos seus guerreiros, que depois de algum tempo escoltaram Eduardo até o pouso. Durante muito tempo perdurou ainda a desconfiança dos botocudos, que o vigiavam rigorosamente noite e dia.

O principal objetivo de Eduardo depois destas ocorrências,

foi o de conseguir armas. Via claramente que não só era insustentável o regime de escravidão, como também não era possível arriscar diariamente não só a sua própria vida como a dos seus companheiros, pois que outra traição ou mesmo apenas uma imprudência podiam se repetir a qualquer momento. Como porém, por enquanto era de todo impossível usar armas de fogo, recorreu às próprias armas dos índios, o arco e a flecha. Disse-lhes que desejava aprender o manejo das armas para que pudesse combater ao seu lado, como guerreiro índio, caso fossem atacados por inimigos.

Anuíram os índios e, com grande curiosidade, assistiram os primeiros ensaios de Eduardo, admirando-se depois em quão pouco tempo, graças à sua perseverança e um raro treinamento físico, conseguira alvejar com uma flecha qualquer objeto com a mesma certeza que eles próprios.

Desde então maior tornou-se sua confiança e deram-lhe a primeira prova de verdadeira amizade: como já tivesse nome indígena (*), batizaram-no mais uma vez, e em consideração à sua coragem e destreza deram-lhe o novo nome, aliás, muito honroso, de "Meng-lé, isto é, "onça negra".

Não bastava, porém, a Edu-

ardo o arco: necessitava de armas de fogo, não só para si, como também para os seus companheiros, pois somente assim conseguiria compensar, se bem que insuficientemente, a superioridade dos índios em número.

Um acaso veio coadjuvá-lo: um pequeno grupo de botocudos tinha ido caçar nas proximidades do posto, e chegando nos campos da Moêma, em uma fazenda, mataram duas rezes. Regressaram depois apressadamente para junto de Eduardo, e temendo uma represália pediram-lhe que se armasse, pois, que seriam atacados pelos "Kókolegma" (nome que dão aos moradores dos campos). Não revelaram o motivo do provável ataque, mas Eduardo não perdeu o ótimo ensejo, respondendo-lhes que certamente combateria ao seu lado e defendê-los-ia contra qualquer inimigo. Explicou-lhes, porém, a necessidade que tinha de uma arma de fogo, visto que os inimigos combatiam com a mesma arma, levando assim grande vantagem. Os botocudos resolveram então, após longo conselho e com bastante relutância, entregar-lhe uma das carabinas levadas. Afim de consentissem a arma, não só para aquela emergência e sim definitivamente, Eduardo lançou mão da seguinte astúcia: não deu importância à carabina, fingindo deixá-la em completo abandono,

(*) — O seu primeiro nome "Catanhára", é a denominação de uma árvore (Cabiuna) — dos tupis-guaranis, *Dalbergia-nigra* — dos botânicos), cuja madeira muito elástica e resistente, quase todas as tribus de índios empregam para fazer os seus arcos.

Os índios paranaenses que lhe deram este cognome, disseram tê-lo escolhido, porque o seu corpo possuía as mesmas qualidades da madeira.

o que muito tranquilizou os botocudos, e assim conseguiu conservá-la.

Mais tarde pediu outra arma de fogo para um companheiro de confiança, no que, depois, também foi atendido, alcançando por este modo, mui lentamente, que toda a pequena turma ficasse rearmada, sem que com isto os botocudos se alarmassem.

Com muita habilidade foi então demonstrando qual a grande diferença entre a carabina e o arco, provando praticamente, que no mesmo espaço de tempo em que eles atiravam uma só flecha, ele alvejava certamente seis vezes, a uma distância incomparavelmente maior.

Estava com isto alcançada a vitória: tinha agora os botocudos se compenetrado do incalculável valor destas armas de fo-

go, mormente quando empregadas em sua defesa, e, assim, passaram, pouco a pouco, a tratar Eduardo de Lima e Silva Hoerhann e também os companheiros com amizade, uma vez que esta amizade para eles se pudesse tornar tão preciosa.

Seria demasiadamente longo e mesmo fastidioso relatar aqui todas as frases por que atravessou o serviço de pacificação destes índios botocudos e a sua consequente educação afim de adaptá-los aos nossos meios de vida.

Quem hoje observa os índios do Posto Duque de Caxias, dificilmente avaliará a enorme soma de abnegado esforço e devotada perseverança dispendida para obter os resultados que aí estão, após um trabalho contínuo de sete anos".

VASCULHANDO VELHOS ARQUIVOS

Frederico Kilian

Dando arrumação em uma gaveta do arquivo de velhos documentos, jornais e folhetos, encontrei um exemplar do jornal IMMIGRANT no seu 7º. ano, em seu nº. 11 de domingo, 17 de março de 1889, que traz um edital da Comissão de Terras e Colonização de Blumenau, que a seguir vai transcrito em sua ortografia original:

"EDITAL

De ordem do Illmo. Snr. Engenheiro Chefe da Comissão de Terras e Colonização de Blumenau, faço publico que no escriptorio da mesma Comissão recebe-se propostas, em carta fechada, até o dia 26 deste mez, para o serviço de recepção de immigrants nesta ex-colônia, durante o exercício corrente, sob as clausulas seguintes:

1º) O contactante fica obrigado a agasalhar e alimentar os immigrants que chegarem a esta localidade, recebendo-os a bordo dos vapores ou outras embarcações que os transportarem, e conduzindo-os

é hospedaria, que deverá estar sempre limpa e em boas condições hygienicas.

2º) O contractante fica obrigado a fornecer tres refeições por dia aos immigrants, empregando nelas generos de superior qualidade. Essas refeições deverão ser abundantes e constarão de café, pão, manteiga, leite, ovos, carne fresca e salgada, arroz e fructas.

3º) Fica o contractante obrigado a transportar os immigrants e suas respectivas bagagens da hospedaria até a linha colonial em que tiverem de ser localizados. Nesse serviço empregará carretas apropriadas, que possam transportar 750 kilogrammas.

4º) O contractante ficará responsável por qualquer accidente que se der no transporte dos immigrants, devido as más condições do material empregado ou impericia dos conductores.

5º) A concorrência versará sobre o preço da alimentação de cada immigrant de 3 a 10 annos e maior de 10 annos, e sobre o preço do transporte por kilometro em uma carreta.

6º) Nos contractos serão estabelecidas multas de 10\$000 a 50\$000 para o caso do contractante não cumprir as condições estipuladas.

7º) Cada proposta será garantida por um deposito de 20\$000 feito na Collectoria desta Villa ou na Thesouraria de Fazenda.

Escriptorio da Commissão de Terras e Colonizações de Blumenau em 13 de Março de 1889.

O Escripturnario
Benjamin Carvalho d'Oliveira."

O mesmo jornal publica ainda uma nota relatando que em principio de março do mesmo anno de 1889 os bugres invadiram a colônia da localidade de Pedrinho e aí saquearam a moradia de um colono italiano levando tudo que la encontraram. Os moradores daquela localidade, receiosos de novos assaltos, manifestaram, em virtude deste fato, o desejo de abandonar as suas colônias. Para evitar isto, o Dr. Paula Ramos, engenheiro chefe da Commissão de Terras e Colonização, com sede em Blumenau, dirigiu-se à Presidência do Estado, pedindo providências urgentes para a proteção dos colonos.

A Colônia Brusque, anteriormente Itajaí

Maria do Carmo R. K. Goulart

Com este sub-titulo, às páginas 58/59 de um trabalho composto por Gottfried Entres para o Livro de Recordação para o Centenário da Imigração Alemã em

Santa Catarina e que leva o pomposo titulo: "O Estado de Santa Catarina no passado e no presente com especial consideração da Colonização Alemã" (edição

da Livraria Central, de Alberto Entres e Irmão; tradução do Padre João de Cruz Stuepp), deparamos com uma crônica suscinta a respeito de Brusque num breve espaço de tempo, compreendido entre 1860 a 1880.

Muitas das informações já são sobejamente conhecidas, porém o apanhado histórico tem valor à medida em que nos deparamos com alguns fatos originais. Como por exemplo os que dizem respeito ao número de habitantes da época e, principalmente à divisão de habitantes em etnia e credo religioso:

"No dia 4 de agosto de 1860 foi fundada a colônia Itajaí, sobre 4 léguas quadradas, à margem esquerda do Itajaí-Mirim, sob a ordem do Presidente Francisco Carlos de Araujo Brusque, com 54 famílias alemãs.

No local já residia um alemão, Peter Josef Werner, em cuja casa se hospedou o primeiro Diretor, Barão de Schneeberg, junto com os imigrantes. Em seguida foi construído um galpão de Imigração, no qual os colonos novamente tiveram de ficar durante 9 meses, antes de poderem estabelecer-se nas propriedades indicadas.

A terra, na qual a colônia foi estabelecida, anteriormente já estivera em mãos de particulares e já havia ali três serrarias, das quais a primeira pertencia ao mencionado Peter Josef Werner, a segunda ao comerciante Sallentien de Itajaí e a terceira, a Paulo Kellner. A única via de comunicação era a fluvial pelo rio. Somente nove anos mais tarde foi construído o primeiro caminho para cavaleiros para Itajaí.

Até fevereiro de 1861, a Co-

lônia já possuía 657 habitantes. Em 1863 havia 938 (habitantes), sendo 659 católicos e 279 protestantes. No início, os colonos eram exclusivamente alemães, isto é, Badenses, Oldenburger, Schleswig-Holsteiner, Pommern e Breusnchwiger. Mais tarde houve menor número de brasileiros, suíços, holandeses e italianos.

No ano de 1867, a Colônia já contava com 1.458 habitantes —, foi fundada à margem direita, no lugar denominado Claras, a Colônia S. Pedro, com norte-americanos e irlandeses. Esta Colônia em breve alcançou 467 habitantes, dos quais 309 católicos e 158 protestantes.

Os elementos da Colônia S. Pedro eram de má qualidade e em consequência disto se davam ali constantemente perturbações da ordem, ao passo que a vontade de trabalhar dos habitantes era muito reduzida. Felizmente a maioria destes colonos se retiraram novamente e por Aviso do Ministro da Agricultura de 6 de dezembro de 1869, a Colônia S. Pedro foi incorporada à Colônia Itajaí (Brusque).

Conforme foi mencionado anteriormente, o primeiro Diretor da Colônia foi o Barão de Schneeberg, antigo oficial de Cavalaria austriaca. Seus secretários foram: von Seckendorf e von Barrowsky. Depois de Klitzing, o dr. Luiz Betim Paes Leme assumiu a direção da Colônia e de sua administração Brusque muito aproveitou. Ele construiu as duas Igrejas, criou as primeiras Escolas e abriu as primeiras vias de comunicação para Itajaí e Blumenau.

No ano de 1874, o número de habitantes das Colônias reuni-

das contava com 2.891, sendo 417 brasileiros, 2.417 alemães e 57 de outras nacionalidades. Em 1900, no recenseamento já mencionado, alias muito inseguro a população foi estimada em 9.124 habitantes.

Por Decreto Presidencial de 18 de março de 1881, as Colônias Itajai e S. Pedro foram emancipadas, enquanto já em julho de 1873 já fora criada a Freguezia do S. Sacramento de Itajai. Por Lei de 23 de março de 1881, foram as duas Colônias reunidas num Município, denominado Brusque, em homenagem ao Ex-Presidente da Província, que as fundara. Na mesma ocasião, foi a Freguezia elevada à categoria de Vila, sob a denominação de S. Luiz Gonzaga.

Cumprе mencionar aqui ainda, que antigamente também Nova Trento pertencia à Colônia Brusque, isto é a S. Pedro. Este território foi desmembrado somente em 1892 e elevado a Mu-

nicipio autônomo. Este ato foi favorável aos interesses da colonização alemã, visto que os ... 5.500 habitantes de Nova Trento constavam em sua maioria de italianos, poloneses e húngaros.

Até 1880, Brusque tinha custado ao Governo a quantia de 3.920 contos, não estando incluída nesta importância a soma gasta para a antiga Colônia S. Pedro, que não é possível avaliar com certeza, mas orçada em 300 contos".

O autor, Gottfried Entres, baseou-se em outros escritos que haviam sido publicados sobre Brusque e que aparecem relacionados ao final do trabalho: Colonização, pelo dr. Jacinto Antonio de Mattos; Escrito jubilar para o 54º. ano de Fundação do Clube dos Atiradores de Brusque, em 1916, por Otto Gruber; e Guia do Estado de Santa Catarina, editado em 1927 pela Livraria Central de Alberto Entres (Florianópolis).

Subsidios Históricas

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 3 de agosto de 1867

Dona Francisca — Ontem chegou a Joinville o Tenente Francisco Xavier de Assis, administrador da estação do Rio Negro, enviado pela Presidência do Paraná, afim de examinar os trabalhos de nossa Estrada. Podemos estar satisfeitos com as suas informações: o traçado feito pelo hábil engenheiro senhor Wunderwald, nas imediações do Rio Negro, até o Campo de São Miguel, numa extensão de 28.750 braças, percorre áreas das mais variadas formações, como: faxinais, capinzais, campos, taquarais, queimadas e pequenos trechos

de mata frondosa. Enfim, toda a região se presta a uma excelente estrada de rodagem.

Notícia de 10 de agosto de 1867:

Dona Francisca — Estrada da Serra. No jornal "Dezenove de Dezembro", de Curitiba, foi publicado o seguinte comunicado: "A Estrada Dona Francisca já constitui via bastante cômoda até Rio Negro. É um melhoramento de grande utilidade para toda a Província, pois as comarcas de Lages, Campos Novos e Curitibaños podem estabelecer toda a sua comunicação pela nova estrada. Seria muito proveitoso se as autoridades competentes tomassem providências no sentido de melhorar o caminho que vai de Campo das Palmas a São João e dali a Curitibaños, para conseguir a ligação com a nova estrada. Desta maneira, Rio Negro se tornaria um dos mais importantes centros comerciais desta província (Paraná).

Notícia de 10 de agosto de 1867:

Nestes dias recebemos outra visita do Planalto, relacionada com a nova Estrada Francisco de Paula Xavier Prado, conhecido proprietário em Rio Negro e membro da Câmara de Lapa, viajou pela nova estrada, até a nossa Colônia, regressando após dois dias de estada entre nós, para a sua cidade. Elogiou a nova estrada e prometeu usar o seu prestígio para que a mesma receba todos os melhoramentos necessários.

Notícia de 10 de agosto de 1867:

Dona Francisca — Com referência à lei que eleva a nossa Colônia a município, o presidente, em seu discurso perante a Assembléia Provincial, declarou estar de acordo com a opinião geral dos habitantes da Colônia.

"A Lei 566 — disse o Presidente — "criando o município de Joinville, ainda não foi executada, porque a condição estabelecida no artigo 3 até hoje não foi cumprida. De acordo com aquele artigo, os habitantes deverão comprar ou construir um prédio para a instalação da Câmara Municipal. Tal condição constitui empecilho para a efetivação da lei, e a meu ver deve ser eliminada. Não se deixem pressionar pela idéia da necessidade de uma casa própria para as sessões da Câmara Municipal. Para tal fim, poderá ser utilizada uma parte do prédio da cadeia pública, pois o mesmo, segundo fui informado, se presta perfeitamente. Fazer depender a instalação do município, da compra ou da construção de um prédio próprio, pelos habitantes, não significa senão adiar indefinidamente o cumprimento da lei e das prerrogativas, que a lei promete à localidade".

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

— Se sofreres cem quedas, levanta-te cem vezes e vencerás.

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

As previsões futuras para a indústria de máquinas no fabrico de laticínios no sul do Brasil

CONSELHOS PRÁTICOS E EXPERIÊNCIAS COLHIDAS, NUM VALIOSO TRABALHO DE EUGEN KIESER, TÉCNICO NO FABRICO DE LATICÍNIOS E AGRICULTURA — MATÉRIA TRANSCRITA DO LIVRO DO MESMO AUTOR SOB O TÍTULO "PERGUNTAS PARA O FUTURO" — EDITADO EM BLUMENAU EM 1918, IMPRESSO NA TIPOGRAFIA BAUMGARTEN.

(Continuação)

"Pássaro, coma ou morra", é um velho ditado que também em Blumenau teve sua vez, só com uma diferença: que aqui podíamos dizer: "Passaro, come e morre", reservado a Blumenau não para alcançar este ditado na prática.

Na bela praia do Rio de Janeiro, os bons costumes exigem que cada um viva como achar melhor. Se alguém quer viver ali mais ou menos em situação adequada, deve dispor de um ordenado que já chega a igualar-se com o do mais alto cargo de funcionário público. O sr. "X", o ator principal no nosso drama do Sindicato dos Ordenhadores, mora no Rio de Janeiro e, como poderemos verificar no decorrer desta narrativa, os interesses financeiros do sr. "X" não eram de interesse secundário.

Nas proximidades da Avenida Rio Branco o sr. "X" tem um modesto, escritório. Ali o grande comerciante já está estabelecido há muitos anos, esperando junto a uma escrivaninha empoeirada e cheia de teias de aranha, a oportunidade que a ingênua Blumenau lhe caia na rede, porque uma presa como esta lhe vem a propósito. Como homem mundano da cabeça aos pés, consegue admiravelmente já a 1.000 quilômetros de distân-

cia, envolver-se num halo glorificante para de súbito tornar-se o homem mais popular de toda a Colônia.

Posição e comércio da manteiga em Blumenau

1) Relatório oficial

O prefeito de Blumenau começou seu relatório anual sobre o ano administrativo de 1909, com uma visão generalizada da situação comercial do nosso município e frisou relativo ao consumo da manteiga e seu preço o seguinte:

"O ano de 1909 nos trouxe um passo de retrocesso comparado com os anos de 1906 até 1908, nos quais estivemos em elevação. O que nos fez sentir a crise bem menos, pois a construção da via férrea, concretizada a 1.º de outubro de 1909, trouxe somas consideráveis aos cofres municipais. A nossa exportação de manteiga, tanto na qualidade como em seu valor, sofreu uma queda grande. Nós nos encontramos numa periódica crise, a segunda que enfrentamos de 1900 (em 1915 veio a terceira anotação da redação). A primeira durou de 1903 até 1905 inclusive. Seguiram-se então três anos de prosperidade (período férreo 1906-1908). Em 1909 começou o declínio e que provavel-

mente em 1910 tomaria formas mais drásticas.

A exportação da manteiga baixou de 612.208 quilos no ano de 1908 e a 550.490 no ano de 1909, com queda de cerca de 14%. Neste interim o preço que em 1908 era de 2\$500 (marcos, 3,10), caindo para 2°000 (2,50 marcos) no ano de 1909.

Enquanto nossa exportação foi de 1.600 contos de réis (cerca de dois milhões de marcos), seu valor, no ano do relatório, passou para 1.100 contos ou 1,35 milhões de marcos, o que se iguala a 30%. Já nos primeiros dias do ano de 1910, o preço da manteiga já caiu para 1°500 (1,90 marcos) e 1°300 (1,60 marcos). Por fim, foi para 1\$000 ou 1,25 marcos por quilo — anotação da redação.

Na queda dos preços leva a culpa a concorrência que é igualada com os produtos exportados de outros Estados. Com o início da elevação da produção do leite e melhoria no preparo da manteiga no Estado de Minas Gerais, a manteiga de Blumenau foi aos poucos desacreditada nos mercados do Rio e São Paulo. No entanto, conseguiu encontrar colocação nos Estados do norte.

Em seguida também chegou aqueles Estados do norte a manteiga mineira e a manteiga blumenauense também passou a ser boicotada nos Estados do norte.

O mais lamentável é que não caíram somente os preços e, em especial, as quantias produtivas também caíram e assim parece que nossa força de produção está se reduzindo. Foi dito que a

terra da velha colônia foi distribuída legalmente em distritos e já perderam suas forças; igualmente as pastagens pioraram de ano para ano e, desta forma, os colonos foram obrigados a reduzir seu plantel bovino, pois o trato está ficando reduzido. Desta forma, os colonos terão que trabalhar com mais cultura, na qual não haviam se dedicado muito até agora.

Até aqui o relatório do superintendente tem apresentado o mesmo motivo e significado no espaço de tempo dos últimos 30 anos. Nos seguintes parágrafos, voltaremos ao que já foi dito e descobriremos que o ato domina aquele provérbio que diz tão certo que "A palavra foi feita para esconder os pensamentos", que ao redigir este relatório lhe passaram pela cabeça.

É preciso ter vivido muitos anos no Brasil, ter tido bom relacionamento com altos comerciantes e políticos, e visão pelos bastidores. Só assim conseguiram ver e entender as causas fictícias ou oposições reais para entender de todo os assuntos políticos e comerciais que acontecem diariamente. Geralmente, os chefes das mais conceituadas casas comerciais importadoras e exportadoras, são, ao mesmo tempo, executivos estaduais e parlamentares. Portanto, também estes são os mais influentes políticos no seu domicílio. Em suas mãos eles têm as rédeas dos destinos da política estatal há anos. Assim, foi possível, até pouco tempo atrás, sem licença ou sem apoio, iniciar qualquer ativi-

— Há uma grande diferença entre o que se perde por não tentar e o que se perde por fracassar.

dade agrícola ou ação industrial de importância. Sua condição comercial referente a solidariedade e força capital, fez com que também fosse monopolizado a comercialização com os mais lucrativos produtos coloniais, tais como o fumo, arroz e o preparo da manteiga. O sucesso, sob estas condições, só poderia correr bem, desta forma, para os grupos capitalistas, já que para eles não havia motivo em interessar-se mais acentuadamente pelo progresso agrícola.

Sobre a produção de manteiga

O colono geralmente possui uma propriedade de mais ou menos 25 hectares ou 100 morgen. Destes, ele prepara a metade e o resto usa para pastagem. Um terço usa para o plantio de milho, batata e verduras. Além disto, deixa uma pedaço desta, para capoeira e outro onde se passam a desenvolver árvores e grama que em poucos anos se recuperara. Com exceção de poucas margens de rios, a terra só pode ser aproveitada em parcelas mínimas, por ser muito acidentada. Mas mesmo onde a terra possa ser aproveitada, o proveito é pouco porque o colono não tem os conhecimentos de uma cultura racional. O gado pasta todo ano, seja verão ou inverno, no mesmo pasto, e desta forma acumula-se pouca poda para conservar a fertilidade da terra a ser trabalhada. Assim, a enxada consiste na ferramenta característica da nossa agricultura anã. Quanto mais nós nos aproximamos da floresta virgem, mais próximos estaremos da região serra-

na e mais rasa é a terra, onde infelizmente até hoje não encontramos nenhuma agricultura, mas sim, semi-selvagem gado pastando nas pastagens campestres. No Rio Grande do Sul já foi iniciado um preparo mais intenso da terra serrana e com resultados satisfatórios. Atualmente um grupo de colonos alemães providos de algum capital, plantam árvores frutíferas, por ser o clima semelhante ao da Europa.

Aqui em Blumenau o rebanho de gado é em especial contado pelo número de animais pastando e a capacidade de atendimento de cada colono e sua família. Nos primeiros anos o colono tem quase sempre duas a três cabeças, das quais obtém o leite aos poucos. As crianças também ajudam na lavoura. Desta forma, começa aos poucos o elevar-se do plantel e colonos mais antigos já possuíam de 6 a oito vacas leiteiras, um reprodutor e oito a dez bezerros, dois cavalos de tração, uma mula para montar, etc... Nestas condições movimentava-se também a produção de leite e de manteiga; levavam em conta que de uma vaca obtinham cerca de mil a mil e duzentos litros por ano, mas a porcentagem de gordura que continha este leite costumava ser maior do que na Alemanha: 5 até 7% de gordura, não é raro.

Para melhorar a qualidade do gado, foram feitas experiências com a importação de animais provenientes da Holanda, Allgän, etc. Também por alguns anos tivemos uma estação experimental de gado. Para ambas as coisas foi gasto muito dinheiro, mas os resultados não corresponderam.

A respeito da produção de manteiga, nada de agradável posso dizer. A maioria dos colonos tem uma centrífuga mais ou menos suspeita e a limpeza é um fator mais ou menos negativo entre os colonos. Assim, podemos imaginar o aspecto e sua força produtora. Também os vasilhames usados e tudo mais que é preciso para a ordenha, deixa a desejar no que se refere à limpeza. O colono melhor instalado, adquire um armário, mas que somente em pouco tem o seu uso, o qual é destinado para a guarda do leite colhido. Nele encontramos os mais diversos alimentos, aguardente, petróleo, graxa para as máquinas, etc... mas uma ventilação adequada falta completamente. Se o colono, durante a semana obteve e guardou bastante nata, aos sábados compensa o preparo da manteiga, que no domingo é trocada na venda mais próxima, por mercadorias que lhe faltam. Mas, nos tempos de seca, ele acumula a nata por dez a 14 dias para então prepará-la para manteiga. Sobre as aparências desta nata, prefiro silenciar. O lavar e salgar depende exclusivamente do colono. Um ou outro colono trabalha bem, enquanto o vizinho deixaria de preferência o preparo e ao mesmo tempo colocaria uma porção avantajada de sal. O homem pensa logicamente quando diz: — Eu recebo pela manteiga o mesmo preço como qualquer um, por então me dar a tanto trabalho, pois a quantidade traz o dinheiro e não a qualidade.

A qualidade desta manteiga, que chega ao mercado, podemos imaginar e dispensa comentários.

O colono, no entanto, é tão ladino e sabe perfeitamente que ao vendeiro interessa muito mais a quantidade do que a qualidade. Sendo a quantidade para ele o mais interessante para que possa fazer troca por mercadoria. Quanto mais manteiga o colono trouxer, mais rápido liquida suas dívidas e faz novas compras. Com a manteiga, o vendeiro ganha cerca de 10%; nas mercadorias que troca, muito mais. Desta forma, o negócio com a manteiga representa para o vendeiro apenas um meio ao seu interesse. Uma venda na Colônia, devemos imaginar como uma pequena loja variada em mercadorias, que às vezes não tem nem o tamanho de um quarto regular. Num galpão anexo encontramos o depósito que guarda óleo, queijo, peixe, linguiça, carne seca, assessorios para o cavalo e peles salgadas. O sábado ou o domingo é o dia principal de comercialização, enquanto que segunda ou terça-feira a manteiga vai ao comércio na cidade, isto é, se a balança está funcionando e a quantidade de manteiga compensa. Do contrário, a manteiga fica por mais meia semana armazenada.

Depois de duas a quatro semanas, a manteiga chega às mãos do atacadista que a coloca em grandes barris. Ali a manteiga é lavada e secada até formar uma massa homogênea. Depois, com bastões de madeira, a manteiga é vasculhada para ver se não contém objetos estranhos. Em seguida, usando bastante água, procede-se à salga que vai até 5% e o acréscimo de coloração amarela, às vezes também um pouco de açúcar. Os tempe-

ros usados estão de acordo com a exigência da região, à qual é destinada, bem assim a marca.

O mercado do Rio de Janeiro deseja uma outra salga e coloração do que o de São Paulo, bem como a embalagem. Enquanto isto, Maceió, Pernambuco e Bahia, exigem uma salga mais forte, bem como a coloração, também a embalagem é outra preferida. Se o comércio é franco, a manteiga é armazenada e bem podemos imaginar seu aspecto e gosto, após este tempo. Em vão me esforcei para taxar e eliminar os agregados para que a mesma fosse igualada com o tempero usado na Alemanha.

Sob estas condições o gosto da manteiga brasileira adquiriu seus adeptos especiais. Se a manteiga forte pelo aspecto, gosto e a apresentação assemelhava-se mais ou menos com a exigência, tornando-se por este motivo o produto mais solicitado do que o produto estrangeiro, seria o ideal. Ainda teremos um outro trecho sobre a rápida mudança do paladar dos consumidores procurando qualidades e marcas melhores, principalmente quando o dinheiro não importava.

O comércio da manteiga

O preço da manteiga na colônia baseia-se na oferta e procura dos mercados do norte do Brasil, em especial da importação da França, Dinamarca, Holanda, etc., e também a concorrência de Minas Gerais. Quando a importação de além-mar tornava-se escassa, mais um frio rigoroso em Minas, então a manteiga blumenauense assumia seu papel e obtinha no Rio e outros

Estados, preço considerável. O colono recebia então uma vez ou outra, 3\$000 pelo quilo da manteiga. Se agora acontecia o contrário e a oferta de fora era maior, então a manteiga blumenauense sumia quase toda do mercado ou a oferta em dinheiro era tão baixa que não valia a pena negociá-la.

Nossos comerciantes, no entanto, têm que sujeitar-se à venda de manteiga que era armazenada até que a procura fosse maior novamente. Nesta ocasião, o colono recebe 700 réis pelo quilo e estas quedas de preço são frequentes. Esta calamidade acontecia de vez em quando como o superintendente confirma no próprio relatório. Mas nós encontramos numa segunda crise idêntica à de 1.900.

O colono alemão não perde tão rapidamente a calma e aceita o bom e o ruim sem muita reclamação. Sabendo que nestas circunstâncias nada pode modificar, conforma-se. Em sua tranquilidade espera para ver como vão ficar as coisas.

Nossos exportadores de manteiga são únicos para toda a colônia e naturalmente os senhores sempre procuram a sua parte melhor. O proveito do colono é assunto à parte. Duvido que uma única vez os tais senhores tenham feito uma avaliação se a incerteza do aproveitamento do leite e o relaxamento da criação do gado não influenciam os seus interesses comerciais e a força do pagamento de impostos.

Mesmo que a necessidade fosse grande até 1909, ainda não apresentava aspecto catastrófico e de acordo com as palavras do superintendente, no dia 1º de ou-

tubro, com a assinatura do contrato para a construção da via férrea, estava praticamente igualado. Outrossim, não só comercializava-se manteiga mas também fumo, arroz, etc. e se o ganho em um destes artigos numa campanha alcança a soma de 125 mil marcos ou mais, então já é possível suportar alguma coisa.

O comerciante colonial, como é costume dizer aqui, "em bons tempos se arranjou". Conheço vários comerciantes que em poucos anos economizaram cerca de 30 até 50 mil marcos, em poucos anos, mesmo sem saber ler e escrever.

(continua no próximo número)

NO PLANALTO LAGEANO

A VELA DO ORATÓRIO APAGOU-SE...

FREI CRISÓSTOMO ARNS

Diziam que ele vinha de Leipzig. Era ator, pianista. Protestante, talvez luterano. O que imaginou ao vir ao Brasil, nunca soube. Fato é que Frei Gaudêncio Engelhardt o encontrou, numas férias, meio perdido em Canoinhas, cidade do interior de Santa Catarina. Frei Gaudêncio sempre foi fino psicólogo. Descobria a ternura e a lealdade nas aparências mais contraditórias.

No fim das férias, voltava Frei Gaudêncio ao Colégio São Luis de Tolosa, acompanhado de um homem estranho. Apresentou-o como Prof. Wálter Dachs. E tornar-se-ia nosso professor. Era poliglota. Falava o francês, com sotaque que até nós, neófitos, descobrimos na primeira aula. Depois de algumas aulas de História Universal, não houve quem duvidasse de sua cultura. À noite tocava os clássicos, ao piano. No cinema mudo daquele tempo, improvisava temáticas musicais, olhando para o painel do filme. Hoje, não há mais dessas

coisas. Os filmes vêm sincronizados e, dificilmente, se encontrará um músico que tenha talento e paciência para improvisar, por três horas seguidas, não tendo partitura diante de si mas apenas um painel de dramatizações. Era o cinema, de então, a que éramos convidados, vez por outra, na pacata cidade de Rio Negro.

Não conheço a luta interior do luterano. Só sei que chegou a compreender a beleza da religião através da devoção de Nossa Senhora. Ficava horas na frente da imagem do oratório. Nós, rapazes, arriscávamos uma aposta: será que o Prof. Dachs vai ser mesmo católico? A dúvida dissipou-se somente depois de um ano de convivência. Houve preparativos. Engalanou-se a grande Capela de São Luis e aí, numa manhã de sol que jogava sua luz forte através dos vitrais, Prof. Wálter Dachs, o luterano, ajoelhou-se em meio à comunidade para receber o batismo de nossa religião.

Apesar de um tanto excêntrico no andar e no falar e na gesticulação, Prof. Walter era para nós um fenômeno de devoção e piedade. Além do mais, víamos nele um exemplo de integridade moral e intelectual. Diziam que tomava aulas de teologia com Frei Gaudêncio.

De fato, havia uma convergência na mentalidade dos dois músicos. Assim, passaram-se mais dois anos até que, um dia, o Reitor do Colégio anunciou a grande novidade: "Professor Wálter Dachs iniciará seu noviciado para nossa Ordem Franciscana. Vai nos deixar e pretende ser sacerdote". Foi o que aconteceu. Fez o ano de Noviciado, o curso de Filosofia e o curso de Teologia. Tudo isso em oito anos. Só aí soubemos de um segredo ir-revelado da vida do Prof. Wálter: Para poder imigrar para o Brasil, o passaporte exigia a qualificação de casado. Isso na década de 20 a 30. Recebemos a explicação com naturalidade, mas lamentamos que ele não poderia ser padre por causa de uma formalidade legal. O casamento, que se realizara apenas formalmente, em Hamburgo, embargava o Professor de se ordenar sacerdote. Caso curioso, pois nem sequer sabia onde ficara a mulher que lhe ajudara a cumprir a formalidade do passaporte. O impedimento, porém, permanecia. Soubemos que, já ao ingressar no noviciado, Frei Wálter encaminhara a Roma um processo detalhado para conseguir a desincompatibilização. O processo deve ter sido engavetado em algum departamento da Cúria Romana. E aí? Seus colegas foram ordenados e Frei Wálter, obriga-

do a esperar o resultado do processo canônico. Foi-lhe proposta a secularização ou uma longa espera. Frei Wálter dirigiu-se ao Bispo de Lages, D. Daniel Hostin, pedindo-lhe intervenção para acelerar o processo. Propunha ao Bispo trabalhar no Colégio Diocesano de Lages como simples Irmão Franciscano até que viesse, afinal, a anulação daquele casamento que só constava no seu passaporte. D. Daniel fez diversos esforços, inclusive abordando o assunto em Roma. Um dia, D. Daniel chamou o Irmão Wálter para dizer-lhe: "O senhor já esperou tanto tempo! Depois que me empenhei tanto por sua causa, devo dizer-lhe: Não sei se vale a pena o senhor esperar mais. Quem sabe o senhor, libertando-se dos votos, não encontraria uma solução outra para o resto de sua vida.

Certamente foi difícil ao Frei Wálter desfazer-se do hábito franciscano que vestira por mais de uma década. Ele o fez. Desde aquele dia já não era Frei Wálter, mas Prof. Wálter que entrava na salas para dar suas aulas. Passaram-se meses, talvez um ano, quando os alunos souberam que Prof. Wálter iria casar-se com uma professora do Instituto de Educação. Noivaram.

O resto da história, o Bispo mesmo me contou. Num hora de conversa amena e sem constrangimentos, com aquela voz de Bispo bonachão, quase gozador:

— Sabe, Frei Crisóstomo, coitado do Prof. Wálter! Agora que noivou, veio a licença de Roma para ser padre. Já falei com ele. Seu mérito não será o de ser padre. Isto hoje é secundário.

Vai constituir uma família muito cristã e ele o merece.

D. Daniel teve razão. Casaram-se e tiveram um casal de filhos.

Anos após, ouvi o último capítulo do drama do Prof. Wálter. Seu filho formava-se no ITA, em São José dos Campos, SP. Pedia a presença dos pais para a festa da formatura. Aí, Prof. Wálter disse à esposa:

— Mulher, vá você e a filha. Eu estou muito velho para esta grande viagem.

Foram, mãe e filha, e assistiram à festa da formatura. O Prof. Wálter ficou. Ninguém sabe como foi. Fato é que os vizinhos estranharam que a casa permanecia fechada e, por um dia inteiro, ninguém vira o Professor. Bateram à porta. Nada. Bateram em todas as janelas, e nada. Por fim, arrombaram a porta. Lá estava o velho Prof. Wálter. De braços, diante do oratório de Nossa Senhora, morto...

Uma vela, consumida até o fim, ainda fumegava na sala.

(Frei J. Crisóstomo Arns, OFM — no livro de memórias, p. 87/89, "Além e Aquém dos Horizontes", Curitiba, PR, s/data (1988?))

Composto e impresso na gráfica e Editora Linarth Ltda. — Rua Prof. Manoel de Abreu, 88, CEP 81.000 — Curitiba — PR).

Aconteceu...

Março de 1989

DIA 1º. — Foi noticiado no JSC, pg. 18, o resultado do Concurso instituído pela Associação dos Poetas e Escritores Independentes — 1º. Concurso de Poesias Independentes — que teve o apoio do JSC e da Fundação "Casa Dr. Blumenau. Inscreveram-se cerca de 150 alunos, tendo sido examinados e julgados nada menos do que 300 poemas. A relação dos classificados, em número de 30, acham-se na mesma edição do citado Jornal de Sta. Catarina.

DIA 5 — No Teatro Carlos Gomes, apresentaram-se os espetáculos de mímica "O Mágico Trapalhão" e "Eva e Adão no Paraíso". A apresentação foi do mímico e ator Vicentini Gomes e pelo artista Alberto Gaus.

DIA 4 — No Teatro Carlos Gomes, realizou-se a solenidade de colação de grau dos formandos da Faculdade de Pedagogia do Centro de Educação da FURB.

DIA 7 — Na FURB foi inaugurado o Laboratório de Informá-

tica, um dos mais modernos da atualidade, com capacidade para atender 50 estações de trabalho.

* * *

DIA 7 — Foi inaugurada a Feira de Arte e Artesanato, de Blumenau, que passou a funcionar das 8 às 18 horas em frente ao Departamento de Cultura.

* * *

DIA 8 — No Teatro Carlos Gomes foi instalado o Primeiro Ciclo de Palestras de Parapsicologia Científica do Instituto de Parapsicologia e Potencial Psíquico de Florianópolis. O evento reuniu autoridades na área durante três dias, com numerosa presença de público.

* * *

DIA 8 — A equipe juvenil de basquetebol do Ipiranga sagrou-se campeã catarinense, ao vencer a equipe da mesma categoria do Joinville, por 89 a 59.

* * *

DIA 11 — Uma greve de grandes proporções nunca vista em Blumenau envolveu a maioria dos trabalhadores, especialmente os da indústria têxtil, mantendo a vida da cidade praticamente paralisada por vários dias.

* * *

DIA 19 — Pela Orquestra de Câmara foi aberta a temporada de concertos, deste ano, apresentando selecionado programa que mereceu os aplausos da seleta platéia.

* * *

DIA 20 — No sagão da FURB, aconteceu a abertura da exposição de pinturas da notável artista Julieta Wiederkehr Brünning, e o lançamento do livro "Direções" do não menos aplaudido poeta e escritor Martinho Brünning. Um bom número de pessoas prestigiou o importante acontecimento.

* * *

DIA 20 — Como resultado de um violento temporal que se abateu sobre Blumenau, com copiosas chuvas, houve muita inundação em ruas centrais e bairros, assim como diversos desmoronamentos causados pelas enchurradas, destruindo casas e pondo em risco muitas outras. Um dos bairros mais atingidos foi o do Garcia.

* * *

DIA 21 — Segundo notícia o JSC, já atingiam neste dia, nada menos do que 51 o número de obras irregulares, ou sejam, licenças pa-

VOCE SABIA?

- Que Blumenau já foi o maior produtor de arroz de Santa Catarina, quando era o grande município e cuja produção, no ano de 1926, representou 1/3 de toda a produção do Estado catarinense, com 49 mil toneladas?

ra construções de prédios que não estavam de acordo com o que preceitua o plano diretor em vigor e todas estas licenças concedidas pela administração anterior.

* * *

DIA 21 — Na Agência local do Banco Econômico, realizou-se a solenidade de abertura da noite de autógrafo da escritora Paloma, cujo acontecimento verificou-se às 20 horas.

* * *

DIA 21 — Em assembléia geral ordinária, o Circulo de Orquidófilos de Blumenau, de tradicional conceito na comunidade, elegeu sua nova diretoria, cuja escolha do presidente recaiu na pessoa do sr. Ovíno Koehler, tendo como seu vice Arani Becker.

* * *

DIA 24 — A imprensa noticia que, apesar da proibição por atos judiciais, a farra do boi foi realizada em quase todas as cidades do litoral catarinense, embora sem as barbáries que eram cometidas nos anos anteriores.

* * *

DIA 27 — em singela solenidade que contou com a presença de regular número de pessoas, foi inaugurada nova Junta de Conciliação e Julgamento em Blumenau, a qual passou a funcionar nas proximidades do Forum da Comarca de Blumenau. O Juiz designado foi o Sr. Ditmar José Kreitzer.

* * *

DIA 29 — Com a presença de autoridades, entre elas o prefeito Wilson Kleinubing e numerosas outras pessoas ligadas ao mundo informático, foi inaugurado o primeiro museu de informática de que se tem memória no país, e que ficou provisoriamente localizado nas dependências da Biblioteca "Dr. Fritz Müller", da Fundação "Casa Dr. Blumenau".

* * *

Abril de 1989

DIA 2 — No Auditório "Heinz Gayer", realizou-se a apresentação da peça teatral "Meno Male", com interpretação de conhecidos astros do teatro, como Luiz Gustavo, Tubúrcio, Nicole Puzzi e outros.

* * *

DIA 2 — Na Galeria Municipal de Artes, a artista plástica Sô-

— Há batalhas na vida que é melhor dá-las por vencidas do que vencê-las — Napoleão.

la Ries expôs seus magníficos trabalhos, muito apreciados pelos admiradores e cultores desta arte.

* * *

DIA 4 — No sagão da FURB, foi aberta magnífica coletiva de artes dos já aplaudidos artistas Carminha Missio, Sá Nunêz, Carmen Zanchi e Leides César. As obras ficaram expostas até o dia 15.

* * *

DIA 9 — A imprensa local (JSC) destaca o transcurso dos 50 anos de atividades do 23º Batalhão de Infantaria em Blumenau, registrando as etapas de maior participação de sua guarnição em defesa da comunidade, especialmente por ocasião de enxerites e enchurradas ocorridas no município ao longo de todos esses anos.

* * *

DIA 13 — Foi realizada a abertura festiva da Sétima Festa do Cavalo, de Blumenau, nas dependências do centro de tradições "Fogo de Chão", área da PROEB. A abertura constou de um café campeiro, na sede daquele centro, seguindo-se à noite, um bailão de gala, no pavilhão "A" da PROEB, animado pelo conjunto "Oiga Tchê".

* * *

DIA 20 — Às 21 horas, a Associação Profissional de Escritores de Santa Catarina promoveu a solenidade de lançamento da "Coleção Corruira" com as obras "Sofá na Rua", de Flávio José Cardoso, "Rebenitos", poemas de Nedi T. Locatelli e "Algemas", crônicas de Enéas Athanázio. Outros atos ainda foram realizados na ocasião.

* * *

DIA 26 — No Centro de Cultura da Prefeitura Municipal de Blumenau, aconteceu a solenidade de entrega do "Prêmio Rose Gaertner", instituído pela Associação Blumenauense de Teatro Amador, para homenagear as pessoas e entidades que apoiaram o Teatro Blumenauense no ano de 1988.

* * *

DIA 28 — Dois guindastes foram precisos para suspender a primeira locomotiva que trafegou na saudosa Estrada de Ferro Santa Catarina. A máquina achava-se na Praça "Ralf Fuhmann", na Itoupava e foi transportada para ser recuperada dos estragos que o tempo lhe tem causado. Mais tarde, retornará a outro local. A referida locomotiva foi chamada, desde sua chegada a Blumenau, por volta de 1906, por "Macuca".

VOCE SABIA?

- Que o trecho ferroviário ligando Blumenau a Itajaí, de saudosa memória, foi inaugurado no dia 18 de dezembro de 1954? E que contou com a presença do Presidente João Café Filho, que fez a viagem inaugural saindo de Blumenau às 12 horas daquele dia?

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

S3015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Elimar Baumgarten; vice-presidente — Antonio Pedro Nunes.

MEMBROS: Arthur Fouquet — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Ulda Alice Klueger — Willy Sievert — Frederico Kilian — Olivo Pedron.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA